REPÚBLICA DE ANGOLA

MINISTÉRIO DA AGRIGULTURA

Inquéritos Agrícolas

Resultados da 1ª Época e Estimativas da Campanha Agrícola 2008/2009

Índice

1.	Introdução	8
1.1.	Situação geográfica climática de Angola	8
2.	Objectivo do inquérito	9
3.	Aspectos metodológicos	9
3.1.	Base de sondagem	9
3.1.1.	Selecção da amostra	10
3.2.	Organização de recolha de dados	13
3.2.1	Estimativas das Explorações Agrícolas Familiares e Empresariais que servem de base ao tratamento de dados	13
4.	Factores que concorreram para os resultados obtidos na 1ª época e estimativas da campanha agrícola 2008/09	15
5.	Resultados Obtidos na Primeira Época 2008/2009	16
5.1.	Disponibilidade e acesso dos insumos agrícolas	16
5.1.1.	Instrumentos agrícolas	16
5.2.	Formas de Obtenção de Sementes	25
5.2.1	Formas de Aquisição de Sementes de Milho	26
5.2.1.1	Explorações Agrícolas Familiares	26
5.2.1.2.	Explorações do tipo Empresarial	26
5.2.2.	Formas de Aquisição de Sementes de Massango	27
5.2.2.1.	Explorações Agrícolas Familiares	27
5.2.2.2.	Explorações do tipo Empresarial	28
5.2.3.	Formas de Aquisição de Sementes de Massambala	28
5.2.3.1	Explorações Agrícolas Familiares	28
5.2.3.2.	Explorações do tipo Empresarial	29
5.2.4.	Formas de Aquisição de Sementes de Batata Rena	29
5.2.4.1.	Explorações Agrícolas Familiares	29
5.2.4.2.	Explorações do tipo Empresarial	29
5.2.5.	Formas de Aquisição de Sementes de Batata-doce	30
5.2.5.1.	Explorações Agrícolas Familiares	30
5.2.5.2.	Explorações do tipo Empresarial	31
5.2.6.	Formas de Aquisição de Estacas de Mandioca	31
5.2.6.1.	Explorações Agrícolas Familiares	31
5.2.6.2.	Explorações do tipo Empresarial	32
5.2.7.	Formas de Aquisição de Sementes de Feijão	32
5.2.7.1	Explorações Agrícolas Familiares	32
5.2.7.2	Explorações do tipo Empresarial	33
5.2.8	Formas de Aquisição de Sementes de Amendoim	33
5.2.8.1	Explorações Agrícolas Familiares	33
5.2.8.2	Explorações do tipo Empresarial	34
5.2.9	Formas de Aquisição de Sementes/Plantas de Tomate	35
5.2.9.1	Explorações Agrícolas Familiares	35
5.2.9.2	Explorações do tipo Empresarial	35
5.2.10	Formas de Aquisição de Sementes de Repolho	36
5.2.10.1	Explorações Agrícolas Familiares	36
5.2.10.2	Explorações do tipo Empresarial	36
5.3	Resultados da 1.ª Época Agrícola	37
5.3.1	Áreas cultivadas por tipo de exploração – 1.ª Época (EAF & EAE)	37
5.3.2	Resultados observados nas Explorações Familiares – 1ª Época (EAF)	38
5.3.2.1	Repartição das áreas cultivadas por Província, segundo agrupamento de culturas nas Explorações Agrícolas Familiares - 1.ª Época 29	38
5.3.2.2	Áreas cultivadas, Produção e Rendimentos da Fileira dos Cereais – 1.ª Época (EAF)	39
5.3.2.3	Áreas cultivadas, Produção e Rendimentos da Fileira das Raízes e Tubérculos – 1.ª Época (EAF)	41
5.3.2.4	Áreas cultivadas, Produção e Rendimentos da Fileira das Leguminosas– 1.Época (EAF)	43
5.3.2.5	Áreas cultivadas, Produção e Rendimentos da Fileira das Frutícolas - 1.ª Época (EAF)	44

5.3.2.6	Áreas cultivadas, Produção e Rendimentos da Fileira das Hortícolas - 1.ª Época (EAF)	47
5.3.2.7	Áreas cultivadas, Produção e Rendimentos para o Café e Palmar - 1.ª Época (EAF)	48
5.3.3	Resultados observados nas Explorações Empresariais – 1ª Época (EAE)	49
5.3.3.1	Repartição das áreas cultivadas por Província, segundo agrupamento de culturas nas Explorações Agrícolas Empresariais – 1.ª Época 40	49
5.3.3.2	Áreas cultivadas, Produção e Rendimentos da Fileira dos Cereais – 1.ª Época (EAE)	50
5.3.3.3	Áreas cultivadas, Produção e Rendimentos da Fileira das Raízes e Tubérculos – 1.ª Época (EAE)	52
5.3.3.4	Áreas cultivadas, Produção e Rendimentos da Fileira das Leguminosas – 1.ª Época (EAE)	55
5.3.3.5	Áreas cultivadas, Produção e Rendimentos da Fileira das Frutícolas – 1.ª Época (EAE)	56
5.3.3.6	Áreas cultivadas, Produção e Rendimentos da Fileira das Hortícolas – 1.ª Época (EAE)	58
5.3.3.7	Áreas cultivadas, Produção e Rendimentos para o Café – 1 ª Época (EAE)	60
5.3.4	Resultados Agregados, segundo as diferentes fileiras de produção – 1.ª Época (EAF & EAE)	61
5.3.4.1	Áreas cultivadas e Produção da Fileira dos Cereais – 1.ª Época (AEF & AEA)	61
5.3.4.2	Áreas cultivadas e Produção da Fileira das Raízes e Tubérculos – 1.ª Época (AEF & AEA)	63
5.3.4.3	Áreas cultivadas e Produção da Fileira das Leguminosas – 1.ª Época (AEF & AEA)	65
5.3.4.4	Áreas cultivadas e Produção da Fileira das Frutícolas – 1.ª Época (AEF & AEA)	66
5.3.4.5	Áreas cultivadas e Produção da Fileira das Hortícolas – 1.ª Época (AEF & AEA)	69
5.3.4.6	Áreas cultivadas e Produção da Fileira do Café – 1.ª Época (AEF & AEA)	71
5.3.4.7	Áreas cultivadas e Produção da Fileira do Palmar – 1.ª Época (AEF & AEA)	73
5.4	Estimativas para a Campanha Agrícola de 2008/2009	73
5.4.1	Repartição da produção, área semeada e produtividade na fileira dos Cereais do sector Familiar e Empresarial – 2008/2009	74
5.4.2	Repartição da produção, área semeada e produtividade na fileira das Raízes e Tubérculos do sector Familiar e Empresarial – 2008/2009	76
5.4.3	Repartição da produção, área semeada e produtividade na fileira das Leguminosas do sector Familiar e Empresarial – 2008/2009	79
5.4.4	Repartição da produção, área semeada e produtividade na fileira das Hortícolas do sector Familiar e Empresarial – 2008/2009	81
5.4.5	Repartição da produção, área semeada e produtividade na fileira das Frutícolas do sector Familiar e Empresarial – 2008/2009	83
5.4.6	Repartição da produção, área semeada e produtividade do café – 2008/2009	86
5.4.7	Repartição da produção, área semeada e produtividade do Palmar – 2008/2009	87
5.5.	Repartição das Estimativas da Produção Pecuária – 2008/2009	88
5.5.1	Patologias	91
6.	Evolução percentual da produção e das áreas de cultivo durante as campanhas agrícolas de 2005/06 a 2008/09 (EAF & EAE)	92
7.	Preços dos Produtos Agrícolas ao Produtor e custo médio nacional das operações agrícolas	93
8.	Distribuição dos custos, rendimentos (em valores monetários) e valor da produção por Província, segundo os Preços de referência	94
9.	Distribuição da produção mercantil por Província, segundo fileiras	95
10.	Conclusões e Recomendações	97

Índice de Tabelas

Tabela 1	Resumo da dimensão da amostra seleccionada por província	11
Tabela 2	Distribuição de Explorações Agrícolas por Província, segundo o tipo de exploração	14
Tabela 3	Número de catanas em posse das explorações, segundo província	17
Tabela 4	Número de enxadas europeias em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)	18
Tabela 5	Número de enxadas tradicional em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)	19
Tabela 6	Número de limas em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)	20
Tabela 7	Número de ancinhos em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)	21
Tabela 8	Número de pulverizadores em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)	22
Tabela 9	Número de motobombas em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)	23
Tabela 10	Número de charruas em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)	24
Tabela 11	Número de tractores em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)	25
Tabela 12	Repartição da Área Cultivada e Área Média por tipo de exploração, segundo as diferentes Províncias	37
Tabela 13	Repartição das áreas (ha) cultivadas por Província, segundo as diferentes fileiras de produção (EAF)	39
Tabela 14	Repartição da Produção nacional e Rendimentos por hectare das áreas cultivadas por Província segundo a fileira dos Cereais –"EAF"	41
Tabela 15	Repartição da Produção nacional e Rendimentos por hectare das áreas cultivadas por Província segundo a fileira das Raízes e Tubérculos– "EAF"	42
Tabela 16	Repartição da Produção nacional e Rendimentos por hectare das áreas cultivadas por Província segundo a fileira das Leguminosas – "EAF"	44
Tabela 17	Repartição da Produção nacional e Rendimentos por hectare das áreas cultivadas por Província segundo a fileira das Fruteiras –"EAF"	46
Tabela 18	Repartição da Produção nacional e Rendimentos por hectare das áreas cultivadas por Província segundo a fileira das Hortícolas –"EAF"	48
Tabela 19	Repartição da Produção nacional e Rendimentos por hectare das áreas cultivadas por Província segundo as Culturas do Café e do Palmar – "EAF"	49
Tabela 20	Repartição das áreas (ha) cultivadas por Província, segundo as diferentes fileiras de produção (EAE)	50
Tabela 21	Repartição da Produção nacional e Rendimentos por hectare das áreas cultivadas por Província segundo a fileira dos Cereais –"EAE"	51
Tabela 22	Repartição da Produção nacional e Rendimentos por hectare das áreas cultivadas por Província segundo a fileira das Raízes e Tubérculos – "EAE"	54
Tabela 23	Repartição das áreas cultivadas por Província segundo a fileira das Leguminosas e produção total – "EAE"	56
Tabela 24	Repartição da Produção nacional e Rendimentos por hectare das áreas cultivadas por Província segundo a fileira das Fruteiras –"EAE"	58
Tabela 25	Repartição da Produção nacional e Rendimentos por hectare das áreas cultivadas por Província segundo a fileira das Hortícolas –"EAE"	59
Tabela 26	Repartição da Produção nacional e Rendimentos por hectare das áreas cultivadas por Província segundo a fileira do Café –"EAE"	60
Tabela 27	Agregação da produção e das áreas cultivadas, por província a fileira dos cereais (EAF e EAE)	62
Tabela 28	Agregação da produção e das áreas cultivadas, por província a fileira das raízes e dos tubérculos (EAF e EAE)	63
Tabela 29	Agregação da produção e das áreas cultivadas, por província a fileira das leguminosas (EAF e EAE)	65
Tabela 30	Agregação da produção e das áreas cultivadas, por província a fileira das frutícolas (EAF e EAE)	67
Tabela 31	Agregação da produção e das áreas cultivadas, por província a fileira das hortícolas (EAF e EAE)	69

Tabela 32	Agregação da produção e das áreas cultivadas, por província na fileira do café (EAF e EAE)	71
Tabela 33	Repartição Agregada da Área Cultivada e Área Média por Tipo de Exploração, Segundo as Diferentes Províncias – ESTIMATIVA 2008/2009	73
Tabela 34.	Estimativa da produção e área cultivada, por província, segundo a fileira dos cereais no sector agrícola Familiar (EAF) – 2008/2009	74
Tabela 35	Estimativa da produção e área cultivada, por província, segundo a fileira dos cereais no sector agrícola Empreasarial (EAE) – 2008/2009	75
Tabela 36	Agregação das estimativas da produção e área cultivada por província, segundo a fileira dos cereais (EAF e EAE) - 2008/2009	75
Tabela 37	Estimativa da produção e área cultivada por província, segundo a fileira das raízes e tubérculos no sector agrícola Familiar (EAF) – 2008/2009	76
Tabela 38	Estimativa da produção e área cultivada por província, segundo a fileira das raízes e tubérculos, no sector agrícola Empreasarial (EAE) – 2008/2009	77
Tabela 39	Agregação das estimativas da produção e área cultivada por província, segundo a fileira das raízes e tubérculos (EAF e EAE) – 2008/2009	77
Tabela 40	Estimativa da produção e área cultivada por província, segundo a fileira das Leguminosas no sector agrícola Familiar (EAF)	79
Tabela 41	Estimativa da produção e área cultivada por província, segundo a fileira das Leguminosas	80
Tabela 42	Agregação das estimativas da produção e área cultivada por província, segundo a fileira das leguminosas (EAF e EAE) – 2008/2009	80
Tabela 43	Estimativa da produção e área cultivada por província, segundo a fileira das Hortícolas no sector agrícola Familiar (EAF) - 200872009	81
Tabela 44	Estimativa da produção e área cultivada por província, segundo a fileira das Hortícolas no sector agrícola Empresarial – 2008/2009	82
Tabela 45	Agregação das estimativas da produção e área cultivada por província, segundo a fileira das hortícolas (EAF e EAE) – 2008/2009	82
Tabela 46	Estimativa da produção e área cultivada por província, segundo a fileira das frutícolas no sector agrícola Familiar (EAF) – 2008/2009	83
Tabela 47	Estimativa da produção e área cultivada por província, segundo a fileira das frutícolas no sector agrícola Empresarial (EAE) – 2008/2009	84
Tabela 48	Agregação das estimativas da produção e área cultivada por província, segundo a fileira das frutícolas (EAF e EAE) – 2008/2009	85
Tabela 49	Estimativa da produção e área cultivada nacional do café mabuba, segundo província – 2008/2009	86
Tabela 50	Estimativa da produção nacional do café comercial, segundo província – 2008/2009	87
Tabela 51	Estimativa da produção e área cultivada nacional do palmar, segundo Província – 2008/2009	88
Tabela 52	Distribuição das estimativas do efectivo pecuário por província, segundo espécie “cabeças”	89
Tabela 53	Evolução das áreas cultivadas (agregadas) segundo as diferentes fileiras de produção (2005/2006 a 2008/2009)	92
Tabela 54	Evolução das produções (agregadas) segundo as diferentes fileiras de produção (2005/2006 a 2008/2009)	92
Tabela 55	Evolução da mão-de-obra no sector agrícola (2006/2007 a 2008/2009)	93
Tabela 56	Custo médio nacional das principais operações agrícola por hectare, segundo culturas	93
Tabela 57.	Repartição de custos, rendimentos e valor da produção de milho por província	93

Índice de Figuras

Figura 1	Distribui o percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Milho das Exploraç es Agrícolas Familiares (EAF)	26
Figura 2	Distribui o percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Milho das Exploraç es do Tipo Empresarial (EAE)	27
Figura 3	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Massa ngo das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)	27
Figura 4	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Massango das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)	28
Figura 5	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Massa mbala das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)	28
Figura 6	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Batata Rena das Explorações Agrícola Familiares (EAF)	29
Figura 7	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Batata Rena das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)	30
Figura 8	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Batata-doce das Explorações Agrícola Familiares (EAF)	30
Figura 9	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Batata-doce das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)	31
Figura 10	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de estacas de mandioca das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)	31
Figura 11	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de estacas de Mandioca das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)	32
Figura 12	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Feijão das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)	32
Figura 13	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de feijão das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)	33
Figura 14	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de amendoim das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)	33
Figura 15	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Amendoim das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)	34
Figura 16	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Tomate das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)	35
Figura 17	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Tomate das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)	35
Figura 18	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Repolho das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)	36
Figura 19	Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de repolho das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)	36
Figura 20	Percentagem das áreas dedicadas à fileira dos Cereais, segundo as diferentes Províncias (EAF)	40
Figura 21	Percentagem das áreas dedicadas à fileira das Raízes e Tubérculos, segundo as diferentes Províncias (EAF)	41
Figura 22	Percentagem das áreas dedicadas à fileira das Leguminosas, segundo as diferentes Províncias (EAF)	43
Figura 23	Percentagem das áreas dedicadas à fileira das Frutícolas, segundo as diferentes Províncias (EAF)	45
Figura 24	Percentagem das áreas dedicadas à fileira das Hortícolas, segundo as diferentes Províncias (EAF)	47
Figura 25	Percentagem das áreas dedicadas à fileira dos Cereais, segundo as diferentes Províncias (EAE)	51
Figura 26	Percentagem das áreas dedicadas à fileira das Raízes e Tubérculos	53
Figura 27	Percentagem das áreas dedicadas à fileira das Leguminosas, segundo as diferentes Províncias (EAE)	55

Figura 28	Percentagem das áreas dedicadas à fileira das Frutícolas, segundo as diferentes Províncias (EAE)	57
Figura 29	Percentagem das áreas dedicadas à fileira das Hortícolas, segundo as diferentes Províncias (EAE)	59
Figura 30	Percentagem das áreas dedicadas à fileira do Café, segundo as diferentes Províncias (EAE)	60
Figura 31	Repartição percentual das áreas dedicadas ao cultivo de cereais por província (agregação das EAF e EAE)	62
Figura 32	Distribuição da produção de cereais por província (agregação das EAF e EAE)	63
Figura 33	Repartição percentual das áreas dedicadas ao cultivo de raízes e tubérculos por província (agregação das EAF e EAE)	64
Figura 34	Distribuição da produção de raízes e tubérculos por província (agregação das EAF e EAE)	64
Figura 35	Repartição percentual das áreas dedicadas ao cultivo de leguminosas por província (agregação das EAF e EAE)	66
Figura 36	Distribuição da produção de leguminosas por província (agregação das EAF e EAE)	66
Figura 37	Repartição percentual das áreas dedicadas ao cultivo de fruteiras por província (agregação das EAF e EAE)	68
Figura 38	Distribuição da produção de fruteiras por província (agregação das EAF e EAE)	68
Figura 39	Repartição percentual das áreas dedicadas ao cultivo de hortícolas por província (agregação das EAF e EAE)	70
Figura 40	Distribuição da produção de hortícolas por província (agregação das EAF e EAE)	70
Figura 41	Repartição percentual das áreas dedicadas ao cultivo do café por província (agregação das EAF e EAE)	72
Figura 42	Distribuição da produção de café por província (agregação das EAF e EAE)	72
Figura 43	Repartição percentual das áreas dedicadas ao cultivo de cereais por província (agregação das EAF e EAE)	76
Figura 44	Repartição percentual das áreas dedicadas ao cultivo de raízes e tubérculos por província (agregação das EAF e EAE)	78
Figura 45	Repartição percentual das áreas dedicadas ao cultivo das leguminosas por província (agregação das EAF e EAE)	81
Figura 46	Repartição percentual das áreas dedicadas ao cultivo de hortícolas por província (agregação das EAF e EAE)	83
Figura 47	Repartição percentual das áreas dedicadas ao cultivo de frutícolas por província (agregação das EAF e EAE)	85
Figura 48	Distribuição gráfica de gado bovino por Província, segundo número de	89
Figura 49	Distribuição gráfica de gado caprino por Província, segundo número de	90
Figura 50	Distribuição gráfica de gado ovino por Província, segundo número de	90
Figura 51	Distribuição gráfica de gado suino por Província, segundo número de	91
Figura 52	Distribuição gráfica de ganaliceos por Província, segundo número de	91

1. Introdução

1.1 Situação geográfica climática de Angola

Angola possui uma superfície de 1.246, 700 km2 e situa-se na costa atlântica Sul da África Ocidental. O território Angolano faz fronteira a Norte e Nordeste com República Democrática do Congo (RDC), a Leste com a Zâmbia, e a Sul com a Namíbia, sendo limitado a Oeste pelo Oceano Atlântico.

A localização de Angola, na zona intertropical e subtropical do hemisfério sul, a sua proximidade com o mar, a corrente fria de Benguela, as características do relevo e a influência do Deserto do Namibe, são factores que determinam e caracterizam duas regiões climatéricas distintas:

1) A região litoral com humidade relativa de média anual superior a 30% e com precipitação anual inferior a 60mm (apresentando 800mm no litoral de Cabinda e no sul, mais concretamente no Namibe, precipitações médias de 50mm), e de temperatura média superior a 23ºC.

2) A região interior que se subdivide em três zonas: zona norte, com elevadas quedas pluviométricas e temperatura elevadas; zona de altitude que abrange as regiões planálticas do centro caracterizadas por temperaturas médias anuais próximas dos 19ºC, com uma estação seca de temperaturas mínimas acentuadas; e a zona sudoeste, semiárida, atendendo à proximidade do deserto do Kalahari, cujas temperaturas são baixas na estação seca e elevadas na estação quente.

O regime das chuvas e a variação anual das temperaturas são duas características climáticas comuns a todas as regiões, pelo que é comum distinguir-se a época do cacimbo e a época das chuvas. A primeira, seca e menos quente, começa em Maio e persiste at é Agosto. A das chuvas, mais quente, normalmente ocorre entre Setembro a Maio. Contudo, a região norte tem chuvas ao longo de quase todo o ano e as terras altas do interior têm um clima temperado com a estação das chuvas a ocorrer de Novembro a Abril, seguida pela estação seca, mais fria, de Maio a Outubro.

Assim, o país encontra-se dividido entre uma faixa costeira árida, que se estende desde a Namíbia at é Luanda e semi-árida a norte de Luanda, um planalto interior húmido, uma savana seca no interior sul e sudeste, e floresta tropical no norte e em Cabinda.

Cerca de 65% do território situa-se a uma altitude entre os 1.000 e os 1.060m, localizando-se na região central os pontos culminantes: Montes Moco (2.620m) e Meco (2.583m). Situa-se na região planáltica do centro do país a origem dos rios mais importantes, correndo estes em três sentidos: Atlântico (L>W), S>SE e N.

Contam-se cinco grandes bacias hidrográficas, correspondendo aos rios Zaire, Kwanza, Cunene, Cubango e Queve.

Assim como a maioria dos países africanos, Angola tem suas actividades económicas ligadas directamente à produção primária, destacando-se a produção de milho, mandioca, feijão, amendoim e de banana como as principais culturas alimentares. Na pecuária as principais criações são os bovinos, caprinos e suínos.

2. Objectivo do inquérito

O inquérito teve como objectivo de colectar informações quantitativas e qualitativas sobre os resultados das actividades e fenómenos climatológicos e patologias animais que ocorreram durante a 1ª Época da campanha agrícola 2008/2009, assim como, calcular os resultados estimados para toda campanha agrícola com níveis aceitáveis de precisão sobre os indicadores chaves relacionados com a produção agrícola e pecuária, tais como:

- Disponibilidade e acesso dos insumos agrícolas;
- Mão-de-obra no sector agro-pecuário;
- Superfície cultivada, produção e produtividade por cultura;
- Pragas e doenças;
- Efectivos pecuários e produção de carne por espécie;
- Patologia animal;
- Classificação da ocorrência das chuvas;
- Custo das operações agrícolas das principais culturas;
- Preços ao produtor das principais culturas.
- Custo e valor da produção por cultura, segundo o custo das operações e preço ao produtor das principais culturas.

3. Aspectos metodológicos

Para o inquérito da primeira época da campanha agrícola 2008/2009 optou-se por um esquema de amostragem estratificada pelas zonas agro-ecológicas que caracterizam o país.

3.1 Base de sondagem

Partindo do ficheiro de aldeias (provisório) em Excel existente no Departamento de Estatística e Informática do Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística do MINAGRI, e repartido por província, município, comuna e localidade (aldeia), utilizou-se uma amostragem trifásica.

Na 1ª etapa a amostragem consistiu na selecção dos municípios dentro das zonas agro-ecológicas.

A segunda etapa foi a selecção das aldeias.

A terceira e última etapa, consistiu na selecção dos agregados familiares ligados agricultura (explorações agrícolas familiares).

3.1.1 Selecção da amostra

Na primeira etapa o número total de municípios a seleccionar por província foi determinado partindo da representatividade por zona agro-ecológica. Esta selecção foi feita por método não probabilístico.

Depois da determinação dos municípios por província, na 2ª etapa elaborou-se para cada município indicado uma lista de aldeias que ele contém. Partindo do ficheiro (provisório) existente no DEI efectuou-se a selecção de cinco aldeias em cada município seleccionado com o método proporcional ao número da população.

Na terceira etapa, antes de seleccionar as famílias camponesas, os inquiridores efectuaram a listagem das famílias camponesas das aldeias da amostra. Com base nesta listagem, os supervisores seleccionaram em cada aldeia uma amostra cinco famílias camponesas com o método aleatório simples.

Todas as parcelas das cinco famílias camponesas seleccionadas por aldeia foram objecto de observação.

A tabela 1 resume a dimensão da amostra seleccionada.

Dentro dos 84 municípios escolhidos por representatividade em relação a zonas agro-ecológicas repartidos por província, foram seleccionadas 420 aldeias, das quais foram tirados aleatoriamente 2.100 agregados. Quer dizer, que mais de 50% dos municípios pertencentes às zonas ecológicas foram seleccionados.

Repartição da amostra por província	Municípios por zonas agro		Nº de aldeias seleccionado	Famílias agrícolas seleccionadas
	Existentes	Seleccionados		
CABINDA	4	3	15	75
Zaire	6	3	15	75
UIGE	16	7	35	175
BENGO	8	5	25	125
LUANDA	2	2	10	50
KUANZA NORTE	10	5	25	125
MALANGE	14	7	35	175
KUANZA SUL	12	7	35	175
LUNDA NORTE	9	4	20	100
LUNDU SUL	4	3	15	75
BENGUELA	9	4	20	100
HUAMBO	12	5	25	125
BIE	9	5	25	125
MÉXICO	9	5	25	125
K. K.	9	5	25	125
NAM IBE	5	3	15	75
HUILA	14	5	35	175
CUNENE	6	4	20	100
TOTAL	158	84	420	2.100

Tabela 1 - Resumo da dimensão da amostra seleccionada por província

$$P1i = (1/Mij)$$

Onde:

Mij - é o número total de municípios da zona agro-ecológica i na província j

A selecção do município foi feita por representatividade consoante a zona agro-ecológica, o que quer dizer que todas as zonas agro-ecológicas existentes numa província devem ser representadas por amostra a partir do município seleccionado.

$$P2jt = (5X\ Nji/\Sigma_j\ Njt)$$

Onde:

5 - número de aldeias a serem seleccionados na i-ésimo município seleccionada

Nji - número estimado do tamanho da j-ésima aldeia seleccionada, dentro da i- simo município,,

$\Sigma_j\ Njt$ - número total estimado do i-ésimo município

Antes da realização da terceira etapa de selecção de agregados, em cada aldeia seleccionada fez-se uma listagem dos agregados para se obter um marco completo e possibilitar a selecção final de 5 agregados a partir de tal marco.

A terceira etapa constituiu a selecção final dos agregados de forma aleatória numa determinada aldeia, utilizando-se a seguinte fórmula:

$$\mathcal{P}3ft = (C/\mathcal{L}ji)$$

Onde:

C - número fixo de agregados seleccionados, (C=5 por todas as aldeias)

$\mathcal{L}ji$ - número dos agregados listados na ji-ésima aldeia.

Seja:

$$\overline{Y}_{ktj} = \frac{1}{C}\sum_{j} Y_{ktj} \quad (j = 1, ..,5)$$

Onde:

Y_{kij} – valor da variável observada num agregado amostra j da comuna i, na província k

ESTIMADOR:

$$\hat{Y} = L_{ktj} \cdot \overline{Y_{ktj}}$$

Onde L_{kij} - é o número de agregados listados em cada aldeia da amostra.

3.2 Organização de recolha de dados

Para este processo foram previamente estabelecidos contactos com as Direcções Províncias da Agricultura, assim como, com os Departamentos Provinciais do IDA para se estabelecer parâmetro de identificação dos coordenadores e Supervisores Províncias, assim como, dos agentes de recolha de dados ao nível de cada Município, que foram submetidos a acção de formação e treinamento sobre a utilização de metodologias específicas, sistema e formas de preenchimento dos questionários e medição objectiva das áreas cultivadas e rendimentos.

A incumbência de levar a cabo a acção de formação e treinamento do pessoal provincial e municipal ficou a cargo das equipas de formadores ao nível central do MINAGRI (GEPE, IDA e GSA, com a integração do ISV) e, consequentemente, o lançamento do inquérito junto das famílias e agricultores seleccionados.

A primeira acção da execução do inquérito no terreno foi a listagem, pelos inquiridores, dos chefes dos agregados familiares residentes nas aldeias seleccionadas de cada Município (assim como dos agricultores do tipo empresarial em cada um dos Municípios inquiridos). Posteriormente, fez-se a selecção das famílias por aldeia e dos agricultores por Município, de acordo o tamanho da amostra pré-determinada.

Esta acção foi precedida pela realização de entrevistas directas (junto das parcelas de cada família ou agricultor empresarial seleccionado) e a medição objectiva das suas parcelas cultivadas, assim como a determinação ou estimação (na eventualidade da colheita ter sido feita antes da visita) dos rendimentos por hectare ou então, a produção colhida durante a primeira época.

3.2.1 Estimativas das Explorações Agrícolas Familiares e Empresariais que servem de base ao tratamento de dados

As estimativas do número de Explorações Agrícolas Familiares ou Famílias Camponesas, consideradas como unidades básicas para determinar os indicadores da produção agrícola, ora utilizadas constam do documento do MINAGRI intitulado por "Resultados da Campanha Agrícola 2007/2008" de Janeiro de 2009.

Resultaram do primeiro levantamento das famílias camponesas (após o fim do conflito armado em Abril de 2004), realizado no ano de 2007 em todo território nacional, pelo Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística do MINAGRI, utilizando o ficheiro de aldeias e bairros peri-urbanos (provisório) fornecido pelo Instituto Nacional de Estatística.

Com base nos resultados obtidos, enquadrou-se o número dos chefes do agregado familiar (ligados à agricultura) das Províncias cujo tamanho numérico se situava dentro do intervalo de confiança da população projectada pelo Instituto Nacional de Estatística em Dezembro de 2007 (Recommendations on Sample Design for the Angola Inquérito aos Agregados Familiares sobre Despesas e Receitas [IDR2] and Multiple Indicator Survey [MICS]).

Contudo, em algumas Províncias, nomeadamente Huambo, Bié e Moxico, onde o intervalo de confiança não coincidiu (porque os resultados comparativos foram muito superiores ou muito baixos) enquadraram-se as famílias camponesas projectadas pelo Instituto de Desenvolvimento Agrário "IDA" previstas para o Programa de Extensão e Desenvolvimento Rural (campanha agrícola 2007/2008).

O número de Explorações Agrícolas do tipo Empresarial surge da compilação anual dos dados cedidos pelas diferentes Direcções Provinciais de Agricultura.

A tabela que se segue apresenta o universo estimado das explorações envolvidas na presente campanha agrícola.

PROVÍNCIAS	EXPLORACÕES AGRÍCOLAS FAMILIARES "EAF"		Explorações Agrícolas do tipo Empresarial (EAE)	
	TOTAL	%	TOTAL	%
Cabinda	52.006	3	60	1
Zaire	47.755	3	147	2
Uige	175.216	9	146	2
M al ange	97.922	5	60	1
Kuanza Norte	57.583	3	160	2
Bengo	45.469	2	110	1
Luanda	21.723	1	1.146	14
Kuanza Sul	202.750	11	1.094	13
Benguela	175.456	9	231	3
Huambo	206.800	11	3.520	43
Bi é	162.000	9	574	7
Huila	260.786	14	255	3
Namibe	32.153	2	238	3
Cunene	65.982	4	62	1
Lunda Norte	81.551	4	22	0
Lunda Sul	51.847	3	157	2
M oxi co	76.300	4	75	1
Kuando Kubango	47.953	3	49	1
NACIONAL	1.861.252	100	8.106	100

Tabela 2 – Distribuição de Explorações Agrícolas por Província, segundo o tipo de exploração

4. Factores que concorreram para os resultados obtidos na 1ªépoca e estimativas da campanha agrícola 2008/09

I. Quedas pluviométricas, que em aproximadamente 90% das zonas agrícolas do país se revelaram regulares.
II. Disponibilidade de inptus agrícolas nas explorações em tempo oportuno.
III. Incremento da área mecanizada como resultado do alargamento do parque de máquinas no país.
IV. Comercialização agrícola facilitada com a melhoria das vias de acesso (principalmente as secundária).
V. Surgimento de outras operadoras privadas no fornecimento de inptus agrícolas em várias zonas do país.
VI. Crescimento das explorações agrícolas do tipo empresarial em termos numéricos e melhoria da prática agrícola.
VII. Aumento da mão-de-obra familiar e contratada.

Estas condições motivaram, que na campanha agrícola 2008/2009 o aumento das áreas cultivadas fosse a consequência da actividade agrícola acima do normal.

Em algumas localidades, registou-se uma estiagem que se estima ter afectado em 25% a produtividade das culturas de uma forma geral.

As Províncias afectadas foram: Malange (Luquembo), Kwanza Norte (Ambaca), Bengo (Dande), Kwanza Sul (Sumbe e Amboim), Benguela (Chongoroy, Cubal, Bocoio e Balombo), Huambo (Bailundo, Caála, Ucuma e Huambo), Bié (Andulo e Cuemba) e Huíla (Lubango e Gambos).

O maior abaixamento da produtividade, estimado em mais de 95% para as principais fileiras, verificou-se na Província do Cunene, aquando da ocorrência das chuvas excessivas e cheias nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2009.

Nota importante: Os resultados da campanha agrícola 2008/2009 foram estimados com base nos resultados da 1ª época (desta campanha), obtidos através do inquérito agrícola de produção, realizado em todo território nacional, no mês de Março de 2009.

5. Resultados Obtidos na Primeira Época 2008/2009

O tecido agrícola nacional encontra-se em crescimento tanto, para o sector agro-pecuária familiar, assim como para a agricultura intensiva na escala das pequenas e médias explorações do tipo empresarial.

As explorações agrícolas familiares, com mais de 91% da área trabalhada (estimada para 2008-09), continuam a praticar um tipo de agricultura centrada sobretudo na economia familiar, embora tendo apresentado melhorias em termos de operacionalização dos insumos agrícolas existentes (isto é, quantitativa e qualitativamente em relação às campanhas anteriores). São as explorações do tipo empresarial que apresentam um aumento substancial em termos de crescimento numérico, isto em relação à campanha anterior, e tendem para uma economia nitidamente influenciada pela produção mercantil, apresentando-se com uma actividade agro-pecuário de carácter intensivo.

Desta forma, os resultados apresentados neste capítulo serão referenciados conforme o tipo de exploração e, consequentemente, em agregacional os dois resultados.

5.1 Disponibilidade e acesso dos insumos agrícolas

A quantidade de inptus agrícolas apresentada nas tabelas que se seguem, é o resultado das estatísticas declaradas pelas explorações agrícolas seleccionadas, e imputadas para o seu universo através dos parâmetros obtidos.

5.1.1 Instrumentos agrícolas

Os instrumentos de trabalho agrícola são, sem dúvida, um dos principais factores dinamizadores da produção familiar, e a sua escassez actua como factor limitativo da produção. Frequentemente, o número de instrumentos de trabalho é insuficiente para todo o agregado familiar, tendo estes de revezarem a sua utilização.

Na esmagadora maioria dos casos, os instrumentos e equipamentos de trabalho do sector familiar reduzem-se a enxadas, a catanas e a charruas, mas mesmo assim existe carência desse material, sobretudo, de peças sobresselentes e bicos para as charruas.

No sector empresarial a situação poderá ser bastante diferente; constam do rol de instrumentos tractores e diversas alfaias agrícolas.

Nas tabelas seguintes constam as estimativas de diferentes instrumentos de trabalho para ambos os sectores, bem como as médias observadas por exploração.

Como se pode verificar pela leitura da tabela seguinte, o recurso à utilização de catanas como instrumento de trabalho é notório, sobretudo para o sector tradicional cujo valor total de catanas a nível nacional é superior a 3.100.000 instrumentos.

Província	Explorações agrícolas familiares				Explorações do tipo empresarial				Total de CATANA
	N.º de EAF	N.º de instrumentos	Média por exploração	N.º Total de instrumento	N.º de EAE	N.º de instrumentos	Média por exploração	N.º Total de instrumento	
Cabinda	52.006	478	5,2	270.431	60	102	12,8	768	271.199
Zaire	47.755	254	5,2	248.326	147	60	20	2.940	251.266
Uíge	175.216				146				
Malanje	97.922	203	1,6	156.675	60	117	14,6	876	157.551
Kuanza Norte	57.583	170	1,4	80.616	160	125	13,9	2.224	82.840
Bengo	45.469	312	3,9	177.329	110	50	10	1.100	178.429
Luanda	21.723	38	1,8	39.101	1.146	13	3,3	3.782	42.883
Kuanza Sul	202.750	369	2,3	466.325	1.094	240	15	16.410	482.735
Benguela	175.456	162	2,3	403.549	231	5	1,7	393	403.942
Huambo	206.800	117	1	206.800	3.520	53	17,7	62.304	269.104
Bié	162.000	165	1,3	210.600	574	105	8,1	4.649	215.249
Huíla	260.786	298	2	521.572	255	18	4,5	1.148	522.720
Namibe	32.153	109	2,1	67.521	238	66	9,4	2.237	69.759
Cunene	65.982	94			62				
Lunda Norte	81.551	76	1,7	138.637	22	134	7,4	163	138.800
Lunda Sul	51.847	91	1,2	62.216	157	78	9,8	1.539	63.755
Moxico	76.300				75				
Kuando Kubango	47.953	30	1,2	57.544	49	16	5,3	260	57.803
Nacional	1.861.252	2.966	1,7	3.107.243	8.106	1.182	12,4	100.792	3.208.035

Tabela 3 – Número de catanas em posse das explorações, segundo província

Outro instrumento de trabalho largamente difundido é a enxada. Verifica-se que para o sector tradicional o número total de enxadas europeias, a nível nacional é superior a 5.200.000 unidades.

Província	Explorações agrícolas familiares				Explorações do tipo empresarial				Total de Enxadas europeias
	N.º de EAF	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N ° TOTA Instrumentos	N. de EAE	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N. TOTAL Instrumentos	
Cabinda	52.006	320	3,5	182.021	60	57	7,1	426	182.447
Zaire	47.755	132	2,7	128.939	147	50	16,7	2.455	131.393
Uíge	175.216				146				
Malanje	97.922	281	2,2	215.428	60	122	15,3	918	216.346
Kuanza Norte	57.583	174	1,4	80.616	160	122	13,6	2.176	82.792
Bengo	45.469	351	4,4	200.064	110	49	9,8	1.078	201.142
Luanda	21.723	33	4,0	86.892	1.146	73	18,3	20.972	107.864
Kuanza Sul	202.750	410	2,6	527.150	1.094	309	19,3	21.114	548.264
Benguela	175.456	292	4,1	719.370	231	15	5	1.155	720.525
Huambo	206.800	357	3,1	641.080	3.520	27	9	31.680	672.760
Bié	162.000	398	3,1	502.200	574	294	22,6	12.972	515.172
Huíla	260.786	328	5,4	1.408.244	255	35	8,8	2.244	1.410.488
Namibe	32.153	274	5,2	167.196	238	83	11,9	2.832	170.028
Cunene	65.982	163			62	0	0		
Lunda Norte	81.551	35	1,9	154.947	22	148	8,2	180	155.127
Lunda Sul	51.847	207	2,6	134.802	157	120	15	2.355	137.157
Moxico	76.300				75				
Kuando Kubango	47.953	51	2	95.906	49	16	5,3	260	96.166
Nacional	1.861.252	4.406	3	5.244.845	3.106	1520	12,7	102.818	5.347.672

Tabela 4 - Número de enxadas europeias em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)

A enxada tradicional, também é um insumo de trabalho importante para o sector camponês. Com uma quantidade mais reduzida que a enxada europeia, a nível nacional, o total obtido através dos inquéritos realizados aponta para um número de enxadas tradicionais utilizadas que ronda em 1.919.684 unidades, sendo que no sector camponês o seu número é de 1.897.144.

Província	Explorações agrícolas familiares				Explorações do tipo empresarial				Total de Enxadas Tradicionais
	N. de EAF	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N. Total Instrumentos	N.º de EAE	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N.º Total Instrumentos	
Cabinda	52.006	257	2,8	145.617	60	24	3	180	145.797
Zaire	47.755	128	2,6	124.163	147	30	10	1.470	125.633
Uíge	175.216				146				
Malanje	97.922	3	0	0	60	0	0	0	0
Kuanza Norte	57.583	48	0,4	23.033	160	15	1,7	272	23.305
Bengo	45.469	27	0,3	13.641	110	0	0	0	13.641
Luanda	21.723	13	0,6	13.034	1.146	0	0	0	13.034
Kuanza Sul	202.752	328	2,1	425.775	1.094	134	8,4	9.190	434.965
Benguela	175.456	132	1,9	333.366	231	0	0	0	333.366
Huambo	206.800	121	1,0	206.800	3.520	8	2,7	9.504	216.304
Bié	162.000	20	0,2	32.400	574	9	0,7	402	32.802
Huíla	260.786	298	2,0	521.572	255	20	5	1.275	522.847
Namibe	32.153	9	0,2	6.431	238	4	0,6	143	6.573
Cunene	65.982	134			62	0	0	0	0
Lunda Norte	81.551	5	0,1	8.155	22	21	1,2	26	8.182
Lunda Sul	51.847	2	0,0		157	4	0,5	78	79
Moxico	76.300				75				
Kuando Kubango	47.953	23	0,0	43.158	49				43.158
Nacional	1.861.252	1.548	1,0	1.897.144	8.106	269	2,8	22.540	1.919.684

Tabela 5 - Número de enxadas tradicional em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)

As limas, utilizadas para afiar as lâminas de catanas e enxadas, são outra ferramenta indispensável ao sector camponês. A nível nacional e para este sector, os inquéritos apontam para a existência de 856.271 unidades em utilização, sendo que 841.117 pertencem às famílias tradicionais.

Província	EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS FAMILIARES				EXPLORAÇÕES DO TIPO EMPRESARIAL				Total de Limas
	N.º de EAF	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N.º Total Instrumentos	N.º de EAE	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N.º Total Instrumento	
Cabinda	52.006	214	2,3	119.614	60	33	4,1	246	119.860
Zaire	52.006	25	0,5	23.878	60	110	36,7	5.395	29.272
Uíge	47.755	25			147				
Malanje	175.216	95	0,8	78.338	146	18	2,3	138	78.476
Kuanza Norte	97.922	62	0,5	28.792	60	8	0,9	144	28.936
Bengo	57.583	230	2,9	131.860	160	16	3,2	352	132.212
Luanda	45.469	28	1,3	28.240	110	0	0	0	28.240
Kuanza Sul	21.723	65	0,4	81.100	1.146	67	4,2	4.595	85.695
Benguela	202.750	46	0,6	105.274	1.094	0	0	0	105.274
Huambo	175.456	0	0	0	231	0	0	0	0
Bié	206.800	23	0,2	32.400	3.520	27	2,1	1.205	33.605
Huíla	162.000	60	0,4	104.314	574	14	3,5	393	105.207
Namibe	260.786	15	0,3	9.646	255	34	4,9	1.166	10.812
Cunene	32.153	11	0	0	238	0	0	0	0
Lunda Norte	65.982	27	0,6	48.931	62	71	3,9	86	49.016
Lunda Sul	81.551	15	0,2	10.369	22	34	4,3	675	11.045
Moxico	51.847				157				
Kuando Kubango	76.300	19	0,8	38.362	75	16	5,3	260	38.622
Nacional	47.953	935	0,5	841.117	49	448	4	15.154	856.271

Tabela 6 - Número de limas em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)

Com menor expressão do que os instrumentos anteriormente citados, estão as quantidades obtidas para o total de ancinhos em utilização a nível nacional ronda: apenas as 81.886 unidades (EAF e EAE).

Província	Explorações agrícolas familiares				Explorações do tipo empresarial				Total de Ancinhos
	N. de EAF	N.º de Instrumentos	Média Por exploração	N.º TOTAL Instrumentos	N. de EAE	N. de Instrumentos	Média por exploração	N.º Total Instrumentos	
Cabinda	52.006	41	0,4	23.177	60	12	1,5	90	23.267
Zaire	47.755	16	0,3	15.593	147	10	3,3	485	16.078
Uíge	175.216				146				
Malanje	97.922	0	0	0	60	0	0	0	0
Kuanza Norte	57.583	0	0	0	160	0	0	0	0
Bengo	45.469	3	0	1.705	110	12	2,4	264	1.969
Luanda	21.723	1	0	1.034	1.146	10	2,5	2.865	3.899
Kuanza Sul	202.750	0	0	0	1.094	21	1,3	1.422	1.422
Benguela	175.456	0	0	0	231	0	0	0	0
Huambo	206.800	2	0	3.566	3.520	0	0	0	3.566
Bié	162.000	4	0	5.023	574	8	0,6	344	5.367
Huíla	260.786	5	0	8.578	255	0	0	0	8.578
Namibe	32.153	1	0	607	238	18	2,6	619	1.226
Cunene	65.982	0	0	0	62	0	0	0	0
Lunda Norte	31.551	9	0,2	16.310	22	25	1,4	31	16.341
Lunda Sul	51.847	0	0	0	157	9	1,1	173	173
Moxico	76.300				75				
Kuando Kubango	47.953	0	0	0	49	0	0	0	0
Nacional	1.861.252	82	0,1	75.593	8.106	125	1,1	6.293	81.886

Tabela 7 - Número de ancinhos em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)

Uma outra ferramenta pouco difundida é o pulverizador, que serve para espalhar produtos fitofármacos de combate a pragas e a doenças. Através da tabela seguinte verifica-se que para ambos os sectores (familiar e tradicional) a nível nacional, somente se contabilizam 73.124 unidades (EAF e EAE).

Província	Explorações agrícolas familiares				Explorações do tipo empresarial				Total de Pulverizadores
	N.º de EAF	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N.º Total Instrumentos	N.º de EAE	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N.º Total Instrumentos	
Cabinda	52.006	0	0	0	60	6	0,8	48	48
Zaire	47.755	1	0	975	147	5	1,7	250	1.225
Uíge	175.216				146				
Malanje	97.922	0	0	0	60	8	0,4	24	24
Kuanza Norte	57.583	0	0	0	160	3	0,3	48	48
Bengo	45.469	11	0,1	4.547	110	4	0,8	88	4.635
Luanda	21.723	10	0,5	10.862	1.146	4	1	1.146	12.008
Kuanza Sul	202.750	10	0,1	20.275	1.094	45	2,8	3.063	23.338
Benguela	175.456	9	0,1	17.546	231	2	0,7	162	17.707
Huambo	206.800	4	0	0	3.520	0	0	0	0
Bié	162.000	5	0	0	574	17	1,3	746	746
Huíla	260.786	0	0	0	255	1	0,3	77	77
Namibe	32.153	22	0,4	12.861	238	5	0,7	167	13.028
Cunene	65.982				62				
Lunda Norte	31.551	2	0	0	22	6	0,3	7	7
Lunda Sul	51.847	0	0	0	157	10	1,3	204	204
Moxico	76.300				75	6	0,2	15	15
Kuando Kubango	47.953	0	0	0	49	1	0,3	15	15
Nacional	1.861.252	74	0,1	67.065	8.106	112	0,7	6.059	73.124

Tabela 8 - Número de pulverizadores em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)

Quando se contabiliza o número de motobombas utilizadas na actividade rural, constata-se que a utilização deste recurso é também reduzida. Tal como se pode observar através da leitura da Tabela seguinte o número obtido a nível nacional é estimado em 46.297 unidades (EAF e EAE).

Província	Explorações agrícolas familiares				Explorações do tipo empresarial				Total de Motobombas
	N.º de EAF	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N.º total Instrumentos	N.º de EAE	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N.º total Instrumentos	
Cabinda	52.006	2	0	1.131	60	2	0,3	18	1.149
Zaire	47.755	0	0	0	147	7	2,3	338	338
Uíge	175.216				146				
Malanje	97.922	0	0	0	60	1	0,1	6	6
Kuanza Norte	57.583	0	0	0	160	5	0,6	96	96
Bengo	45.469	2	0	1.137	110	4	0,8	88	1.225
Luanda	21.723	20	1	21.732	1.146	2	0,5	573	22.296
Kuanza Sul	202.750	3	0	0	1.094	19	1,2	1.313	1.313
Benguela	175.456	2	0	0	231	1	0,3	69	69
Huambo	206.800	0	0	0	3.520	0	0	0	0
Bié	162.000	1	0	0	574	2	0,2	115	115
Huíla	260.786	0	0	0	255	0	0	0	0
Namibe	32.153	31	0,6	19.292	238	7	1	238	19.530
Cunene	65.982	0	0	0	62	0	0	0	0
Lunda Norte	31.551	0	0	0	22	4	0,2	4	4
Lunda Sul	51.847	0	0	0	157	7	0,9	141	141
Moxico	76.300				75				
Kuando	47.953	0	0	0	49	1	0,3	15	15
Kubango									
Nacional	1.861.252	61	0	43.283	3.106	62	0,6	3.014	46.297

Tabela 9 - Número de motobombas em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)

A utilização de charrua de tracção animal é um instrumento que tem forte expressão nas províncias do Planalto Central, onde a actividade pecuária (bovinicultura) tem grande importância económica. Contudo, a nível nacional o número total obtido através dos inquéritos realizados não ultrapassa as 307.024 unidades.

Província	EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS FAMILIARES				EXPLORAÇÕES DO TIPO EMPRESARIAL				Total de Charruas
	N.º de EAF	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N.º total Instrumentos	N.º de EAE	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N.º total Instrumentos	
Cabinda	52.006	2	0	1.131	60	1	0,1	6	1.137
Zaire	47.755	0	0	0	147	0	0	0	0
Uíge	175.216				146				
Malanje	97.922	0	0	0	60	2	0,3	18	18
Kuanza Norte	57.583	0	0	0	160	2	0,2	32	32
Bengo	45.469	0	0	0	110	0	0	0	0
Luanda	21.723	0	0	0	1.146	0	0	0	0
Kuanza Sul	202.750	7	0	8.983	1.094	15	0,9	985	9.968
Benguela	175.456	42	0,6	105.274	231	1	0,3	69	105.343
Huambo	206.800	12	0,1	20.680	3.520	3	1	3.520	24.200
Bié	162.000	5	0	6.279	574	4	0,3	172	6.451
Huíla	260.786	96	0,6	156.472	255	1	0,3	77	156.548
Namibe	32.153	4	0,1	3.215	238				3.215
Cunene	65.982	11	0	0	62	0	0	0	0
Lunda Norte	31.551	0	0	0	22	0	0	0	0
Lunda Sul	51.847	0	0	0	157	3	0,4	63	63
Moxico	76.300				75				
Kuando Kubango	47.953	0	0	0	49	3	1	49	49
Nacional	1.861.252	179	0,2	302.034	3.106	35	0,3	4.990	307.024

Tabela 10 - Número de charruas em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)

Tal como se pode verificar pela tabela seguinte, o recurso à utilização de tractores apenas incide no sector agrícola do tipo empresarial. Sendo a quantidade total de tractores em utilização estimada em 1.339 unidades.

Província	Explorações agrícolas familiares				Explorações do tipo empresarial				Total de Tractores
	N.º de EAF	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N.º total Instrumentos	N de EAE	N.º de Instrumentos	Média por exploração	N. total Instrumento	
Cabinda	52.006	0	0	0	60	2	0	1	1
Zaire	47.755	0	0	0	147	1	0	0	0
Uíge	175.216	0	0	0	146	7	0,1	7	7
Malanje	97.922	0	0	0	60	6	0	0	0
Kuanza Norte	57.583	0	0	0	160	1	0	5	5
Bengo	45.469	0	0	0	110	0	0	0	0
Luanda	21.723	0	0	0	1.146	1	0,1	92	92
Kuanza Sul	202.750	0	0	0	1.094	23	0,5	547	547
Benguela	175.456	0	0	0	231	2	0,6	139	139
Huambo	206.800	0	0	0	3.520	0	0,1	246	246
Bié	162.000	0	0	0	574	2	0	23	23
Huíla	260.786	0	0	0	255	1	1	255	255
Namibe	32.153	0	0	0	238	6	0,1	17	17
Cunene	65.982	0	0	0	62	0	0	0	0
Lunda Norte	31.551	0	0	0	22	0	0	0	0
Lunda Sul	51.847	0	0	0	157	3	0,1	3	3
Moxico	76.300	0	0	0	75		0	0	0
Kuando Kubango	47.953	0	0	0	49	0	0	0	0
Nacional	1.861.252	0	0	0	8.106	48	0,2	1.339	1.339

Tabela 11 - Número de tractores em posse das explorações, segundo província (EAF & EAE)

5.2 Formas de Obtenção de Sementes

São vários os mecanismos através dos quais os camponeses e os agricultores do tipo empresarial podem obter as suas sementes: através da ajuda de terceiros (como por exemplo de vizinhos), através de crédito ou micro-créditos, pelas ONGs, através de fomento dos Governos Provinciais, pelo MINAGRI ou através de programas específicos desta Instituição como é o caso do PEDR; podem comprar, ou ainda através de outras formas não especificadas como é o caso da utilização de sementes produzidas na própria exploração nas campanhas anteriores ou adquiridas no mercado oficial.

5.2.1 Formas de Aquisição de Sementes de Milho

5.2.1.1 Explorações Agrícolas Familiares

A distribuição percentual, a nível nacional, do modo de obtenção de sementes de milho por parte das famílias camponesas está representada na Figura 1.

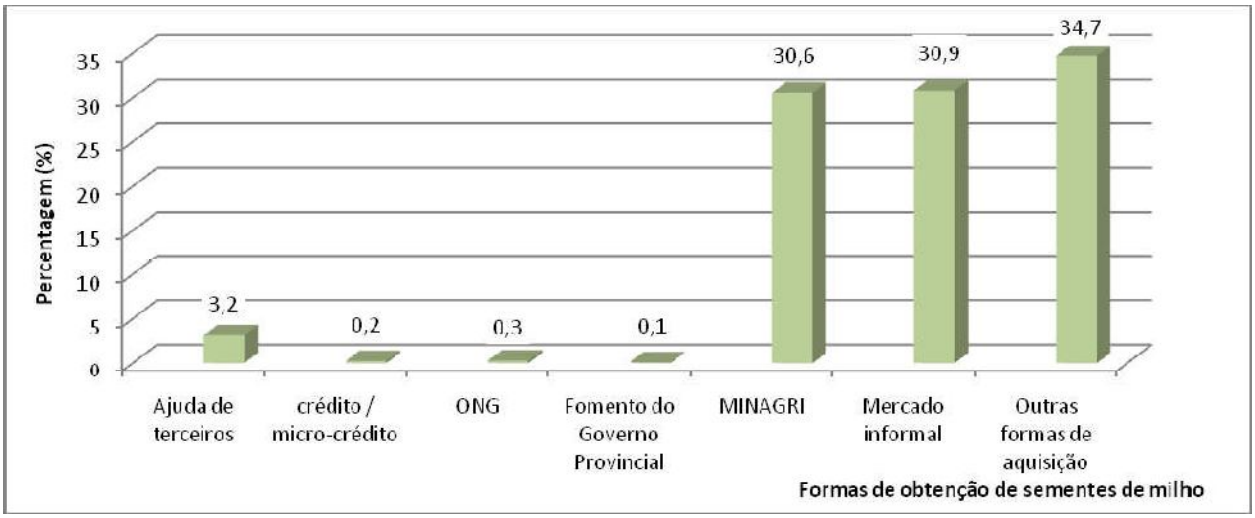

Figura 1 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Milho das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)

Da leitura do Figura, constata-se que a maioria das famílias camponesas adquire as sementes de milho através do MINAGRI, pela compra no mercado informal e, ainda, através de outras formas de aquisição (geralmente, parte das sementes são obtidas através de produção própria na campanha anterior, e que reservam para semear posteriormente).

5.2.1.2 Explorações do tipo Empresarial

São três as formas predominantes de obtenção de sementes por parte dos fazendeiros: através do MINAGRI, pela compra em mercados informais e por outras formas de aquisição (sementes produzidas em épocas passadas).

A Figura seguinte ilustra, percentualmente, a forma como são obtidas as sementes de milho pelo sector empresarial.

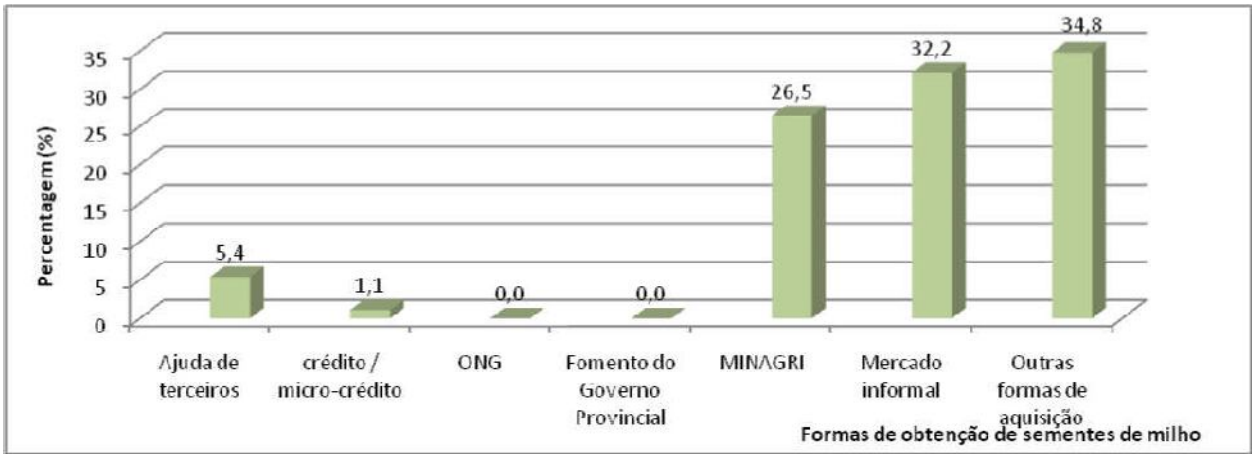

Figura 2 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Milho das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)

5.2.2 Formas de Aquisição de Sementes de Massango 5.2.2.1 Explorações Agrícolas Familiares

Como se pode observar através da Figura 3, a percentagem de camponeses que adquiriu as suas sementes através do MINAGRI é ligeiramente superior em relação a dos que a adquiriram através da compra directa em mercados informais, sendo, no entanto, estas duas predominantes na aquisição de sementes de massango.

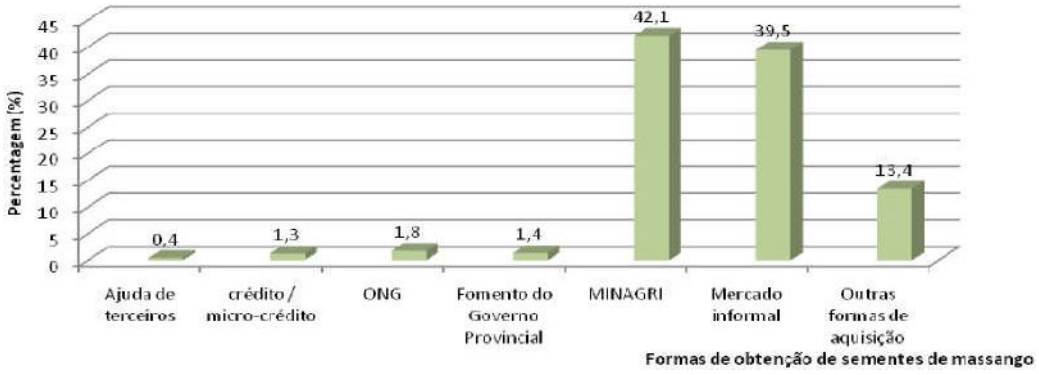

Figura 3 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Massango das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)

5.2.2.2 Explorações do tipo Empresarial

Também a nível do sector empresarial, verifica-se que 83,1 % dos agricultores obtêm as sementes de massango através do MINAGRI.

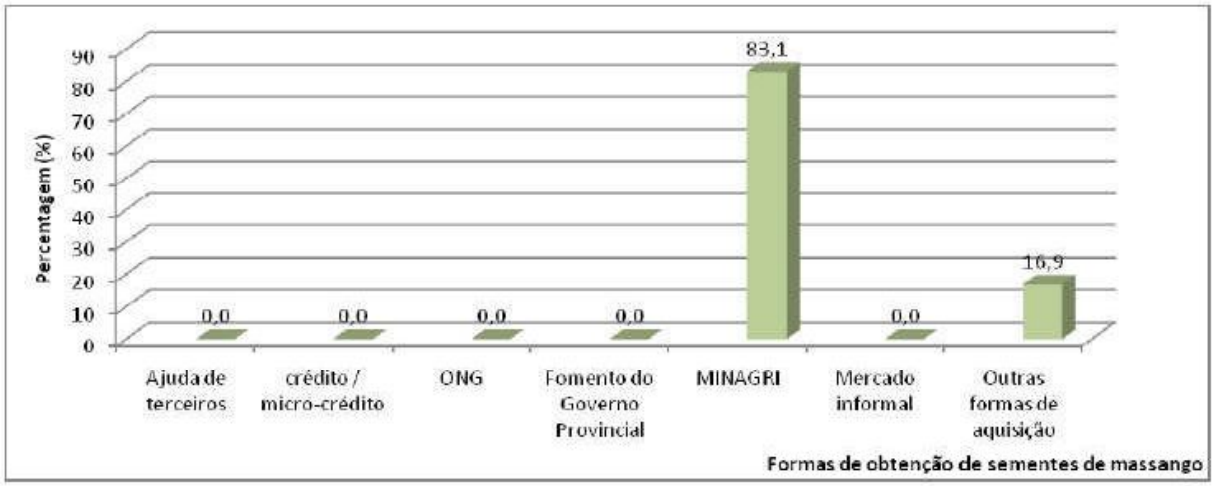

Figura 4 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Massango das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)

5.2.3 Formas de Aquisição de Sementes de Massambala

5.2.3.1 Explorações Agrícolas Familiares

As formas de aquisição de sementes de massambala por parte das famílias camponesas, centra-se sobretudo na compra nos mercados informais e na obtenção junto do MINAGRI (34,7 e 35,3%, respectivamente). Também a indicação de outras formas de aquisição foram frequentemente citadas (25,5 %).

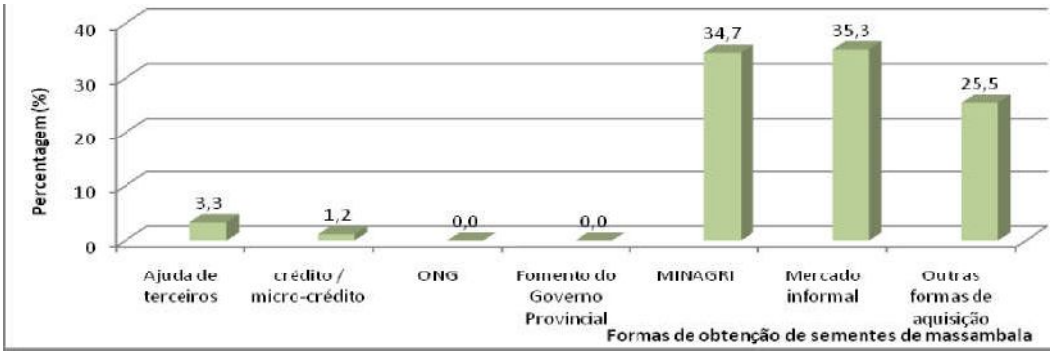

Figura 5 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Massa mbala das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)

5.2.3.2 Explorações do tipo Empresarial

Dos dados obtidos através dos inquéritos realizados, apenas se pode estimar um número total de 64 explorações empresariais a possuir sementes de massambala. E mais se informa, que a província onde se obteve esses dados foi a Huíla, e todos os produtores tinham adquirido as suas sementes através do PEDR do MINAGRI.

5.2.4 Formas de Aquisição de Sementes de Batata Rena

5.2.4.1 Explorações Agrícolas Familiares

Observa-se, através da leitura da figura seguinte que a maioria das sementes de batata rena é obtida através da compra nos mercados informais ou por outras formas de aquisição não especificadas.

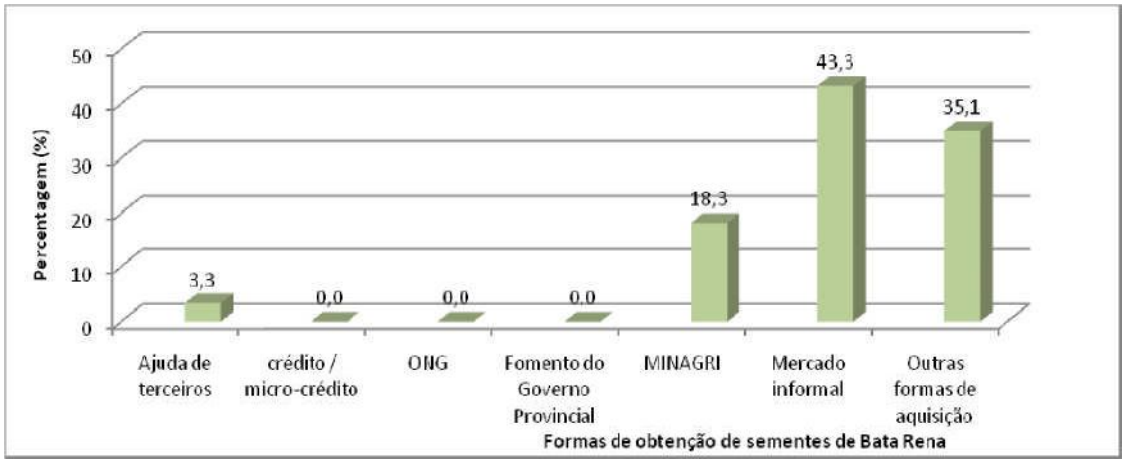

Figura 6 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Batata Rena das Explorações Agrícola Familiares (EAF)

5.2.4.2 Explorações do tipo Empresarial

Seguidamente ilustra-se, de modo percentual, a forma como é adquirida a semente de batata rena por parte do sector empresarial. Da leitura da figura seguinte, nota-se que a maioria dos fazendeiros adquire a semente de batata rena no mercado informal, cerca de 85% dos produtores indicaram esse caso.

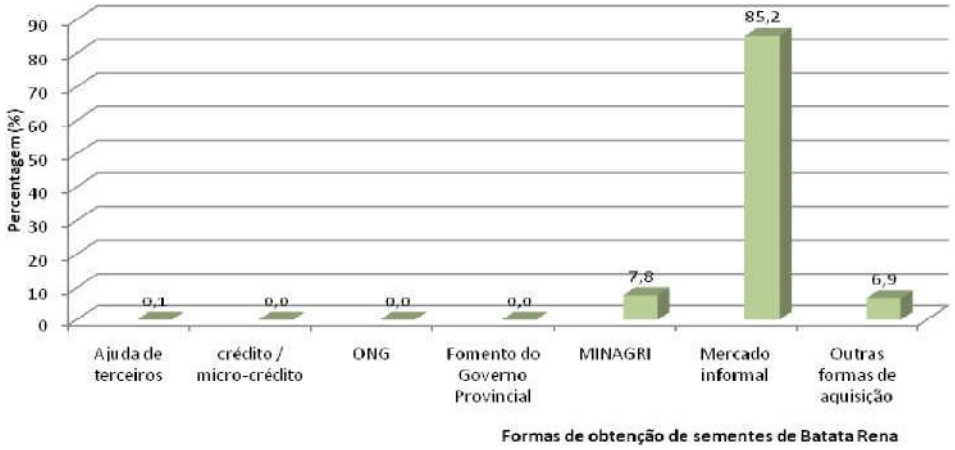

Figura 7 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Batata Rena das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)

5.2.5 Formas de Aquisição de Sementes de Batata-doce

5.2.5.1 Explorações Agrícolas Familiares

Na altura de realização do inquérito, a maioria das respostas obtidas à questão da forma de obtenção de semente por parte dos camponeses foi "outras formas de aquisição", isto é obtenção da própria semente em campanhas agrícolas anteriores (37,6%), e através da ajuda de terceiros (amigos e vizinhos) que percentualmente ronda os 35% e, ainda, através de compra directa nos mercados informais (23%).

A Figura 8 ilustra a distribuição percentual das formas de aquisição de semente de batata-doce pelos camponeses.

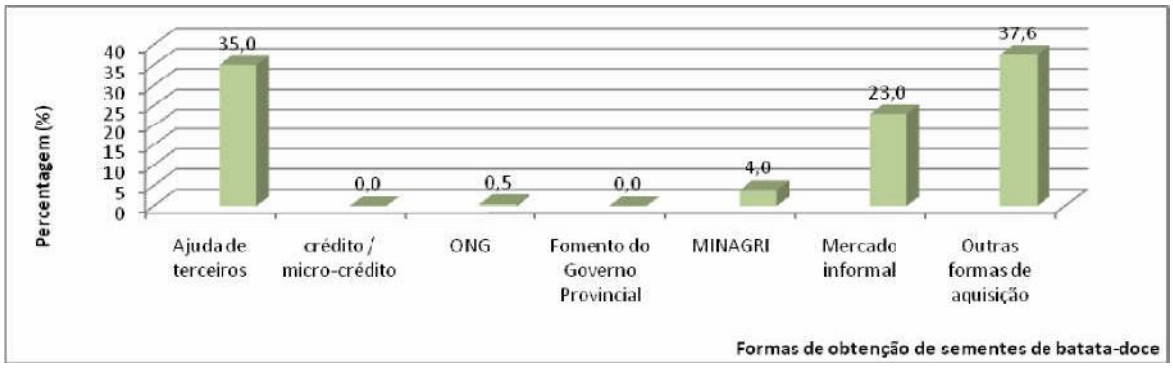

Figura 8 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Batata-doce das Explorações Agrícola Familiares (EAF)

5.2.5.2 Explorações do tipo Empresarial

No que diz respeito ao sector empresarial, verifica-se que 24% deste universo obtêm a semente de batata-doce a partir da ajuda de terceiros, e que 76% obtêm a semente através de outras formas de aquisição não especificadas ou obtidas na própria exploração.

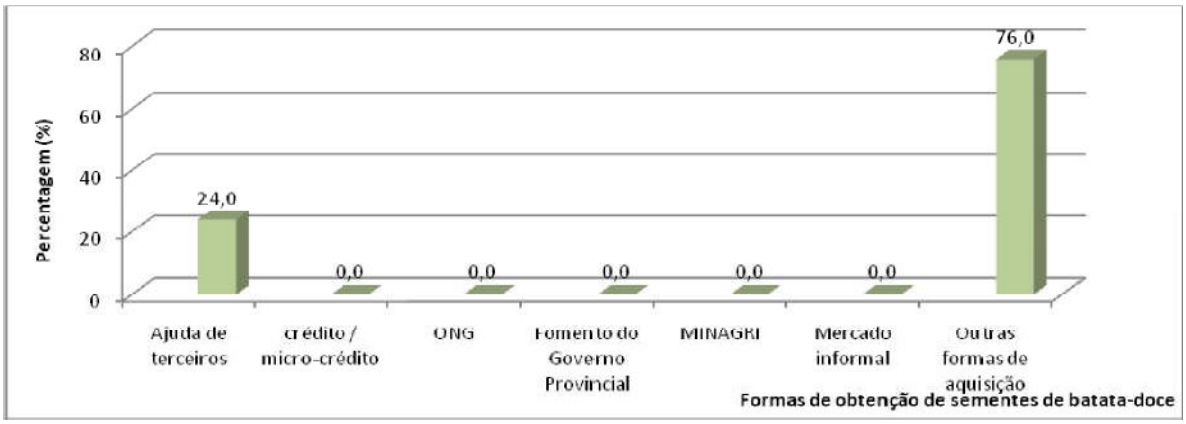

Figura 9 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Batata-doce das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)

5.2.6 Formas de Aquisição de Estacas de Mandioca

5.2.6.1 Explorações Agrícolas Familiares

No sector camponês verifica-se que a maioria das famílias, cerca de 42%, obtém as estacas para posterior cultivo através de outras formas de aquisição (utilizam semente que produzem em campanhas anteriores) e, que cerca de 33% recorreà ajuda de terceiros.

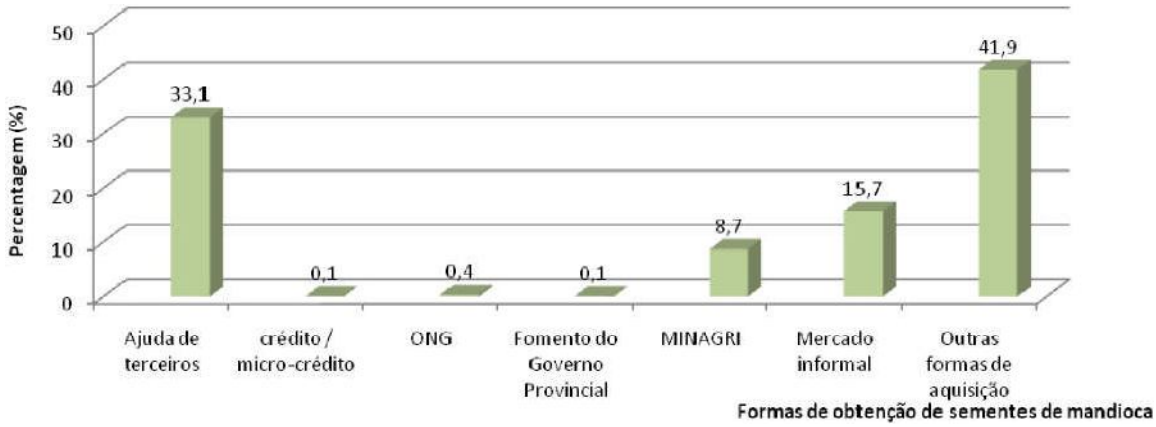

Figura 10 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de estacas de mandioca das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)

5.2.6.2 Explorações do tipo Empresarial

Para a 1.ª época agrícola (2008/2009), foram estimadas 2.180 explorações do tipo empresarial que possuíam estacas para semente de mandioca para uso prórprio. Maioritariamente a semente foi obtida através de compra (72%).

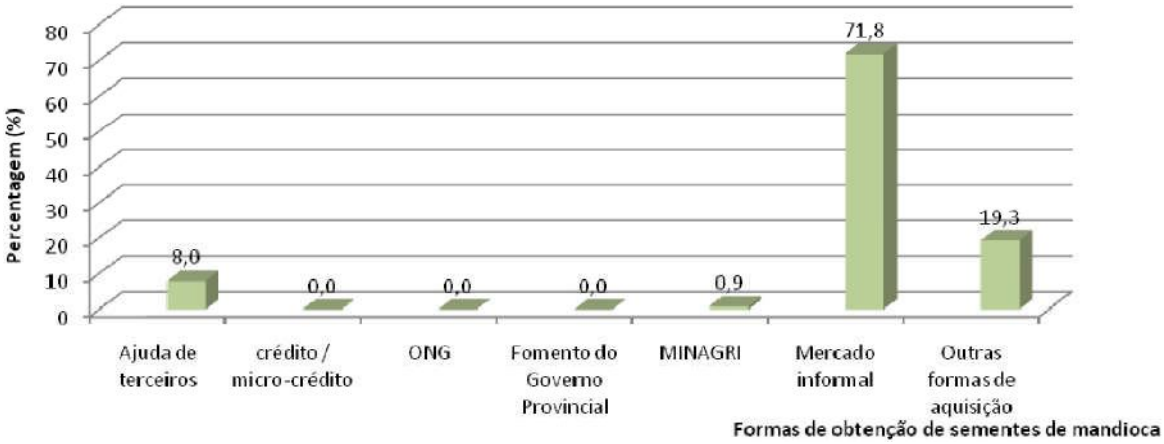

Figura 11 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de estacas de Mandioca das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)

5.2.7 Formas de Aquisição de Sementes de Feijão

5.2.7.1 Explorações Agrícolas Familiares

A maior parte das famílias afirma ter adquirido as sementes de feijão através de compra no mercado informal (38,9%), seguindo-se outras formas de aquisição não especificadas (36,4%) e através do MINAGRI (21,9%).

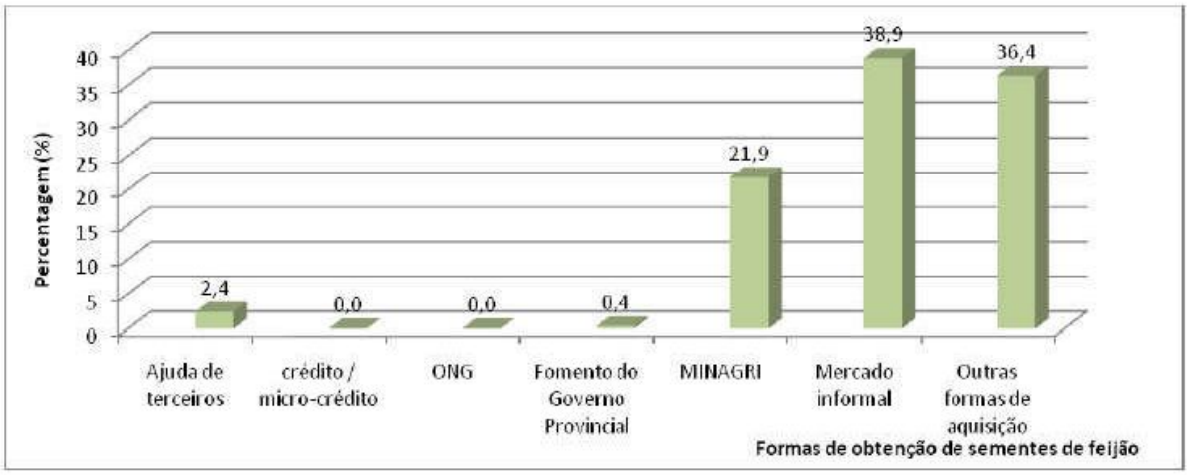

Figura 12 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Feijão das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)

5.2.7.2 Explorações do tipo Empresarial

Estima-se que para a 1.ª época agrícola (2008/2009), 18% das explorações do tipo empresarial possuíam sementes de feijão, sendo a compra no mercado informal a forma principal de obtenção (73,8%), referida nos inquéritos efectuados.

Encontra-se ilustrada na figura seguinte a distribuição percentual da forma de aquisição de sementes de feijão no sector empresarial.

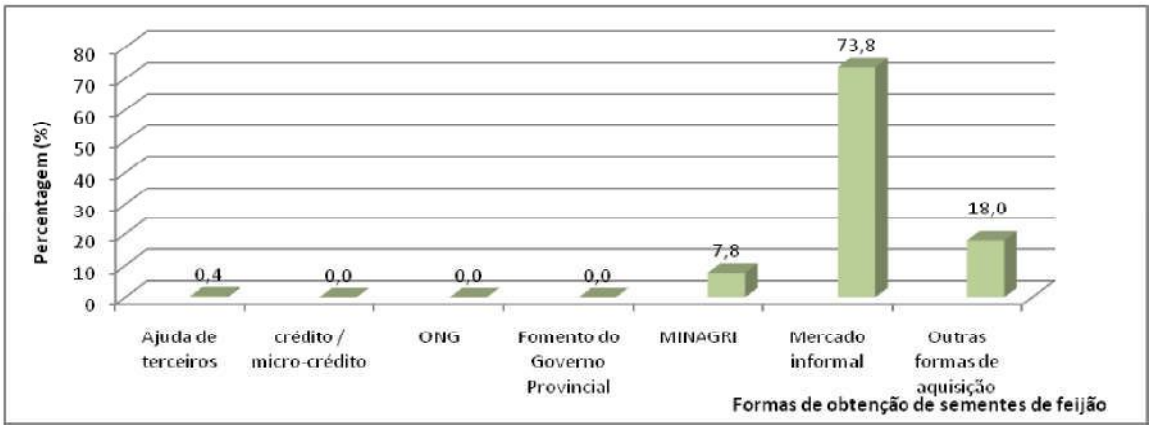

Figura 13 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de feijão das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)

5.2.8 Formas de Aquisição de Sementes de Amendoim

5.2.8.1 Explorações Agrícolas Familiares

Observa-se, através da leitura da figura seguinte que a maioria das sementes do sector camponês é obtida através da compra nos mercados informais (47,4%) ou através do MINAGRI (30,9%).

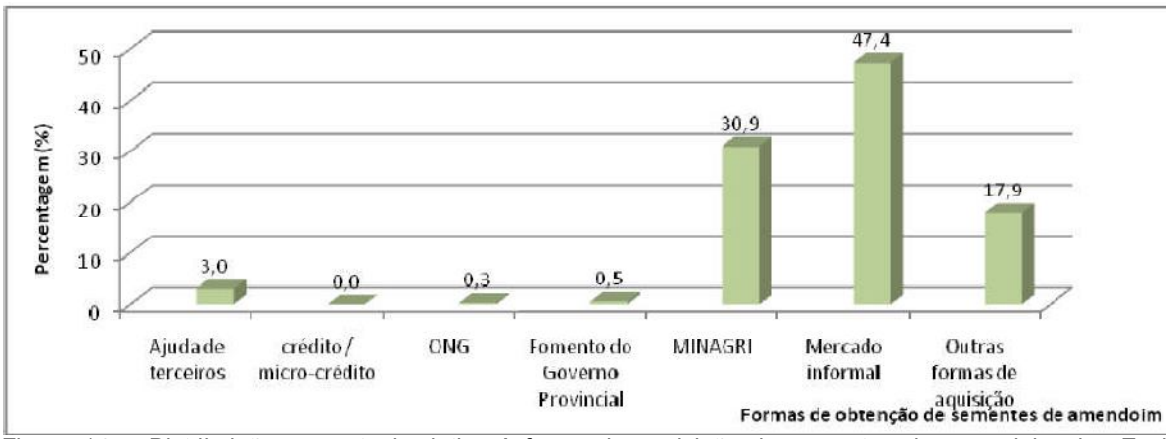

Figura 14 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de amendoim das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)

5.2.8.2 Explorações do tipo Empresarial

A origem das sementes de amendoim no sector empresarial provém essencialmente de compra directa por parte dos produtores (69%).

Seguidamente ilustra-se, de modo percentual, a forma como é adquirida a semente de amendoim por parte do sector empresarial.

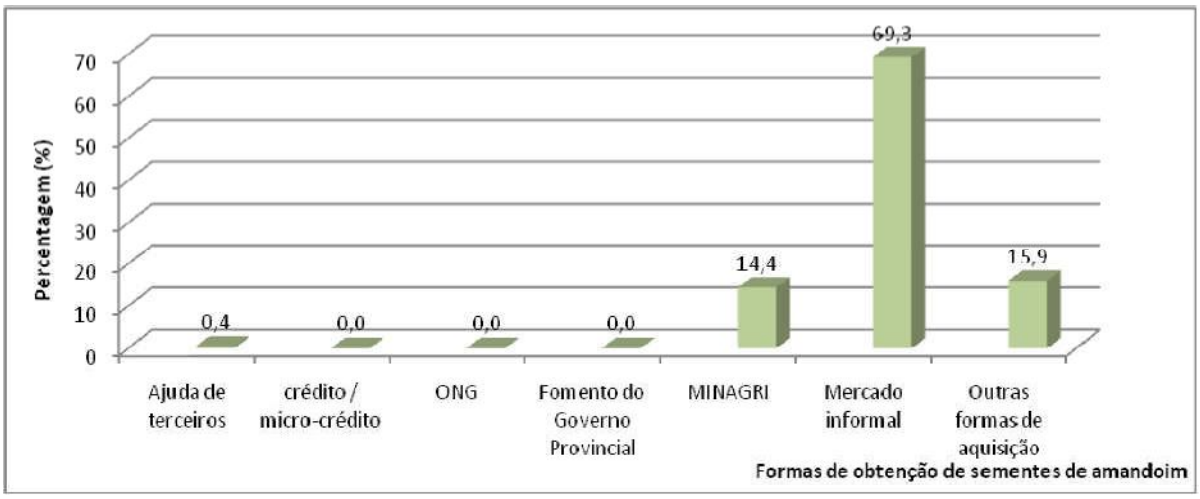

Figura 15 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Amendoim das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)

5.2.9 Formas de Aquisição de Sementes/Plantas de Tomate

5.2.9.1 Explorações Agrícolas Familiares

No que diz respeito s sementes/plantas de tomate, verifica-se que cerca de 64,8% das famílias camponesas as adquire no mercado informal (64,8%). Seguidamente indicam outras formas de aquisição (25,2%).

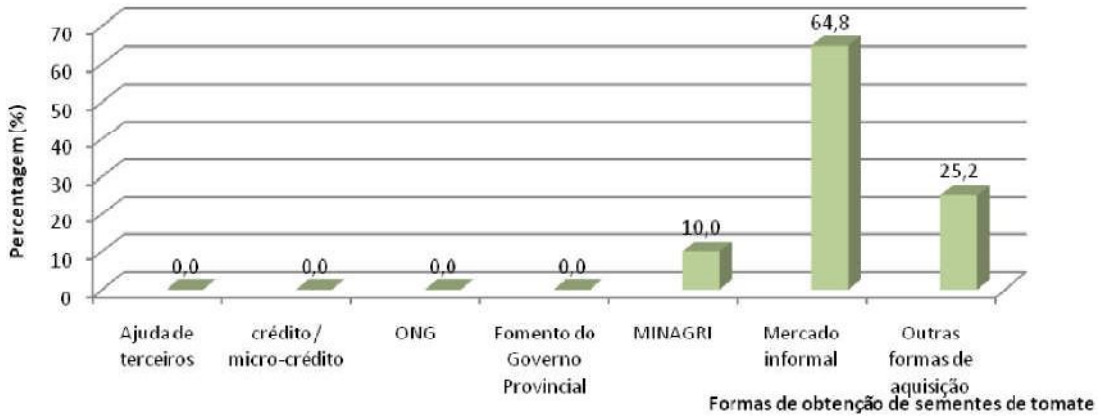

Figura 16 – Distribui o percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Tomate das Explorações Agrícolas Familiares (EM)

5.2.9.2 Explorações do tipo Empresarial

Os resultados obtidos, revelam que para o sector empresarial, grande parte das sementes/plantas foi adquirida através de crédito ou microcrédito (91%).

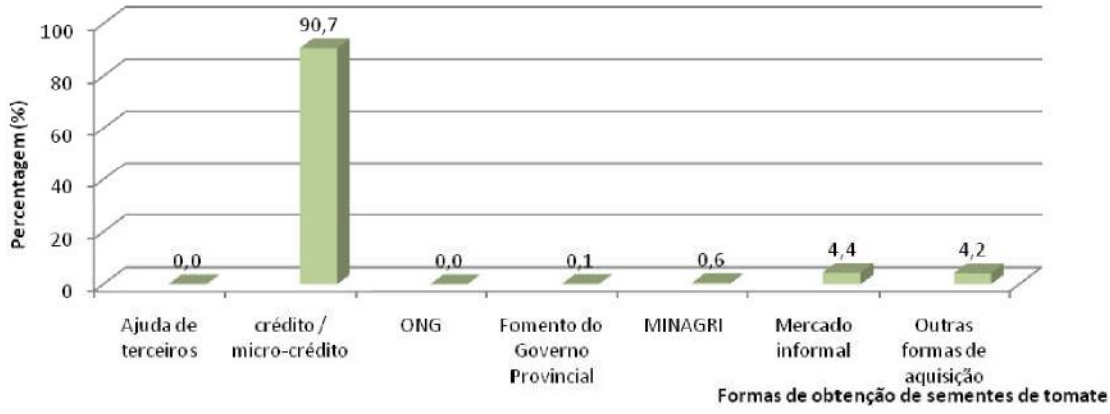

Figura 17 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Tomate das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)

5.2.10 Formas de Aquisição de Sementes de Repolho

5.2.10.1 Explorações Agrícolas Familiares

Observa-se, através da leitura da figura seguinte que para o sector camponês a maioria das sementes de repolho é obtida através da compra no mercado informal (50% do total de camponeses) ou por outras formas de aquisição não especificadas (28% de explorações familiares).

A distribuição percentual, a nível nacional, do modo de obtenção de sementes de repolho por parte das famílias camponesas está representada na Figura 18.

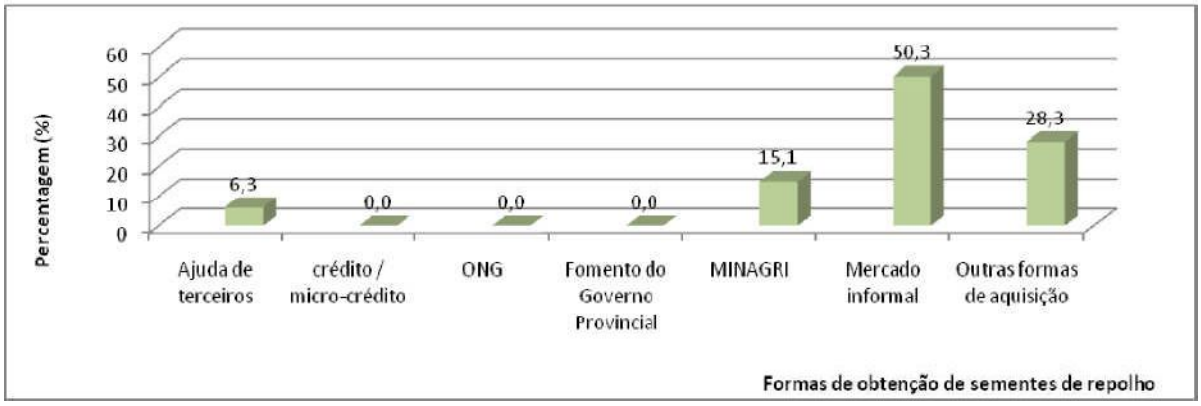

Figura 18 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de Repolho das Explorações Agrícolas Familiares (EAF)

5.2.10.2 Explorações do tipo Empresarial

No sector empresarial as sementes de repolho provêm essencialmente de compra directa por parte dos produtores (74%) nos mercados informais.

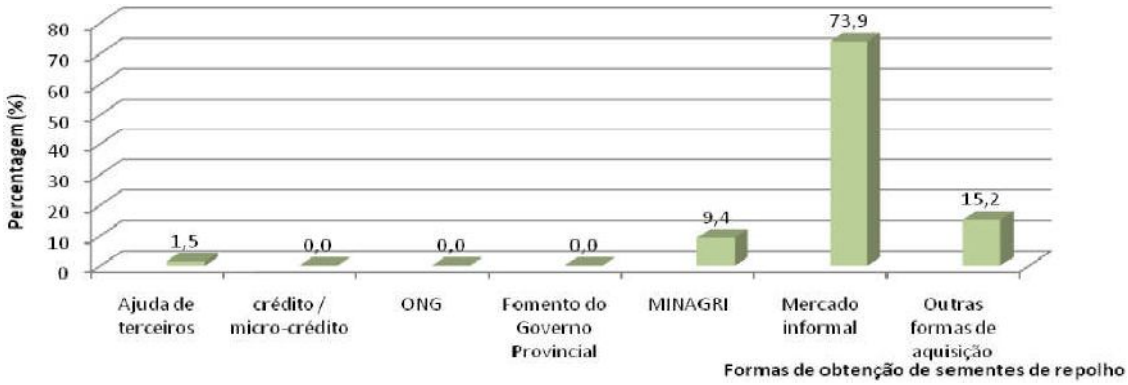

Figura 19 – Distribuição percentual relativa à forma de aquisição de sementes de repolho das Explorações do Tipo Empresarial (EAE)

5.3 Resultados da 1.ª Época Agrícola

5.3.1 Áreas cultivadas por tipo de exploração –1.ª Época (EAF & EAE)

Da leitura da Tabela 12, verifica-se que no decorrer da 1.ª campanha agrícola do presente ano, e a nível nacional, foi utilizada uma área de 3.658.700 hectares para a produção de diferentes culturas.

Província	Explora ções agrícolas familiares "EAF"					Explora ções agrícolas do tipo Empresarial "EAE"					Agregação Das área Cultivadas	
	Total Explorações	%	Área cultivada		Área Média (há)	Total Explorações	%	Área cultivada		Área Média (há)		
			ha	%				ha	%		Total	%
Cabinda	52.006	3	82.711	2	1,59	60	1	722	0	12	83.433	2,3
Zaire	47.755	3	64.977	2	1,36	147	2	890	0	6	65.867	1,8
Uíge	175.216	9	197.613	6	1,13	146	2	5.126	3	35	202.739	5,5
Malange	97.922	5	116.497	3	1,19	60	1	976	1	16	117.473	3,2
Kwanza Norte	57.583	3	37.977	1	0,66	160	2	4.843	2	30	42.820	1,2
Bengo	45.469	2	37.554	1	0,83	110	1	787	0	7	38.341	1,0
Luanda	21.723	1	12.227	0	0,56	1.146	14	7.669	4	7	19.896	0,5
Kwanza Sul	202.750	11	513.075	15	2,53	1.094	13	27.451	14	25	540.526	14,8
Benguela	175.456	9	388.511	11	2,21	231	3	5.505	3	24	394.016	10,8
Huambo	206.800	11	321.018	9	1,55	3.520	43	110.907	57	32	431.925	11,8
Bié	162.000	9	396.169	11	2,45	574	7	9.456	5	16	405.625	11,1
Huila	260.786	14	645.503	19	2,48	255	3	5.046	3	20	650.549	17,8
Namibe	32.153	2	47.352	1	1,47	238	3	3.103	2	13	50.455	1,4
Cunene	65.982	4	119.220	3	1,81	62	1	0	0	0	119.220	3,3
Lunda Norte	81.551	4	118.929	3	1,46	22	0	1.534	1	70	120.463	3,3
Lunda Sul	51.847	3	97.997	3	1,89	157	2	6.279	3	40	104.276	2,9
Moxico	76.300	4	140.624	4	1,84	75	1	4.118	2	55	144.742	4,0
Kuando Kubango	47.953	3	125.560	4	2,62	49	1	774	0	16	126.334	3,5
Nacional	1.861.252	100	3.463.514	100	1,86	8.106	100	195.186	100	24	3.658.700	100,0

Tabela 12 - Repartição da Área Cultivada e Área Média por tipo de exploração, segundo as diferentes Províncias

Pela leitura da tabela, pode inferir-se que são as províncias da Huíla e do Kwanza Sul aquelas que a nível do sector camponês tiveram maiores áreas cultivadas (19 e 15%, respectivamente). A nível do sector empresarial verifica-se que é no Huambo e no Kwanza Sul onde um maior número de hectares dedicados à actividade agrícola foi trabalhado (57 e 14%, respectivamente).

5.3.2 Resultados observados nas Explorações Familiares –1ªÉpoca (EAF)

Na prática, os resultados alcançados no inquérito da 1ª época demonstram a estrutura do calendário agrícola, no que concerne, ao período das sementeiras e das colheitas para cada cultura, de que o circulo vegetativo das culturas diferem umas das outras, tendo em conta dois factores importantes: zona climatológica e variedade das sementes.

Para a primeira época, estes factores ficaram demonstrados, principalmente, na fileira dos cereais e leguminosas.

Na região norte e na zona litoral da Província do Kwanza Sul (fundamentalmente) o calendário agrícola destas culturas apresenta duas épocas de cultivo, onde as sementeiras têm início normalmente, no 3º decêndio do mês de Setembro e terminam no 21 decêndio do mês de Novembro, enquanto que as colheitas, geralmente, têm início no 11 decêndio Dezembro e terminam no 3º decêndio de Fevereiro.

Para a região centro e sul do país, as culturas das fileiras mencionadas anteriormente, as suas sementeiras também, têm início, geralmente, no período indicado no paragrafo anterior, mas com maior destaque para os decêndios do mês de Novembro, ao contrário do período de colheitas que acontece mais tarde, isto é, com início nos decêndios do mês de Maio e prolongam até ao 2º decêndio do mês de Junho, nalguns casos.

Para elucidar os utilizadores desta informação, a situação descrita acima, observa-se nos dados tabelados no quadro deste documento para a 1,ª época, onde a produção obtida reflecte apenas as áreas onde foram colhidas e que estas (áreas colhidas) são inferiores a áreas semeadas na 1.ª Época quer dizer que parte das áreas cultivadas na 1.ª época só serão ou foram colhidas na 2.ª época da campanha agrícola de referência.

5.3.2.1 Repartição das áreas cultivadas por Província, segundo agrupamento de culturas nas Explorações Agrícolas Familiares - 1.ªÉpoca

Tal como se pode verificar na Tabela 13, as famílias camponesas dedicam a maior parte das suas áreas de cultivo à produção de cereais (51,9%), seguindo-se o cultivo de raízes e tubérculos (24,5%) e leguminosas (18,7%). Com efeito, estes três grandes grupos de culturas constituem a base alimentar da população de Angola.

Por outro lado, o seu cultivo é extensivo uma vez que, na generalidade dos casos, os terrenos de baixas onde a disponibilidade hídrica é maior, são destinados à produção de hortícolas por possuírem um maior valor acrescentado. Contudo, o valor percentual da área dedicada a estas culturas n o ultrapassa os 2,4%.